

Hino à Cabanagem

Escrevo no campo de batalha, entre mortos
feridos e o soar dos canhões.

Para que saibam que não me rendo, sigo em
frente de espada na mão.

Vingamos a morte de nossos bravos
companheiros, por nossos queridos
guerreiros

Vencer ou morrer!

Tremam os covardes por nosso amor, à
liberdade e bravo valor

Vingamos o sangue derramado, varrendo da
terra o opressor.

Vingamos a morte de nossos bravos
companheiros, por nossos queridos
guerreiros

Vencer ou morrer!

Vivam os que preferem a morte à vergonha da
retirada, viva a Amazônia Livre em luta.

Morram os tiranos!

Viva a Cabanagem!

Vingamos a morte de nossos bravos
companheiros, por nossos queridos
guerreiros

Vencer ou morrer!

Letra: Eduardo Angelim

Música: Roberta, Ricardo e Rubens

Depois de tudo, sobrevivemos e nossa luta não
para...

"E recomeça.

*Desperta cicatrizes extintas,
sopra nelas centelhas de novas dores.
Olho meus companheiros. Estão calados.*

*Mas ninguém se rendeu ao sono.
Todos sabem (e isso nos deixa vivos):
a noite que abriga os carrascos, também
abriga os rebelados.*

*Em algum lugar, não sei onde
numa casa de subúrbios,
no porão de alguma fábrica
se traçam planos de revolta..."*

Pedro Tierra

Entre em contato com a Resistência
Popular Amazônica

Caixa Postal: 1206 CEP:66017-970

Endereço: Arcipreste Manoel
Teodoro, 837

E-mail: anaiza@zaz.com.br

**RESISTÊNCIA
POPULAR
AMAZÔNICA**

**CONGRESSO
DE FUNDAÇÃO**

**ORGANIZAR PARA
AVANÇAR NA LUTA
POPULAR!**

Belém do Pará
25 e 26 de setembro de 1999

Convidamos os companheiros e companheiras a se fazerem presentes ao Congresso de Fundação da Resistência Popular Amazônica. Vamos estar reunidos nos dias 25 e 26 de setembro de 1999, a partir das oito horas da manhã.

Este evento representará um marco muito importante na luta libertária que travamos contra a sociedade capitalista, as injustiças sociais, as desigualdades e o autoritarismo.

Consideramos as propostas explicitadas na Carta de Princípios e Programa da Resistência Popular Amazônica como uma possibilidade concreta de fazer florescer a luta de todos os segmentos explorados e oprimidos da Amazônia, do Brasil e da América Latina.

Confirme sua presença até o dia 20/09/99, traga colchonete e material de higiene pessoal.

Confirme com Petrônio:

0xx91.231.6156

O local ainda vai ser confirmado, ligue para o companheiro e pegue o endereço.

PROGRAMAÇÃO

Sábado, 25 de setembro

8h - Abertura

9h - Debates sobre Conjuntura

13h - Almoço

15h - O Poder Popular e o Socialismo

20h - Programação Cultural

Domingo, 26 de setembro

8h - Luta na Educação

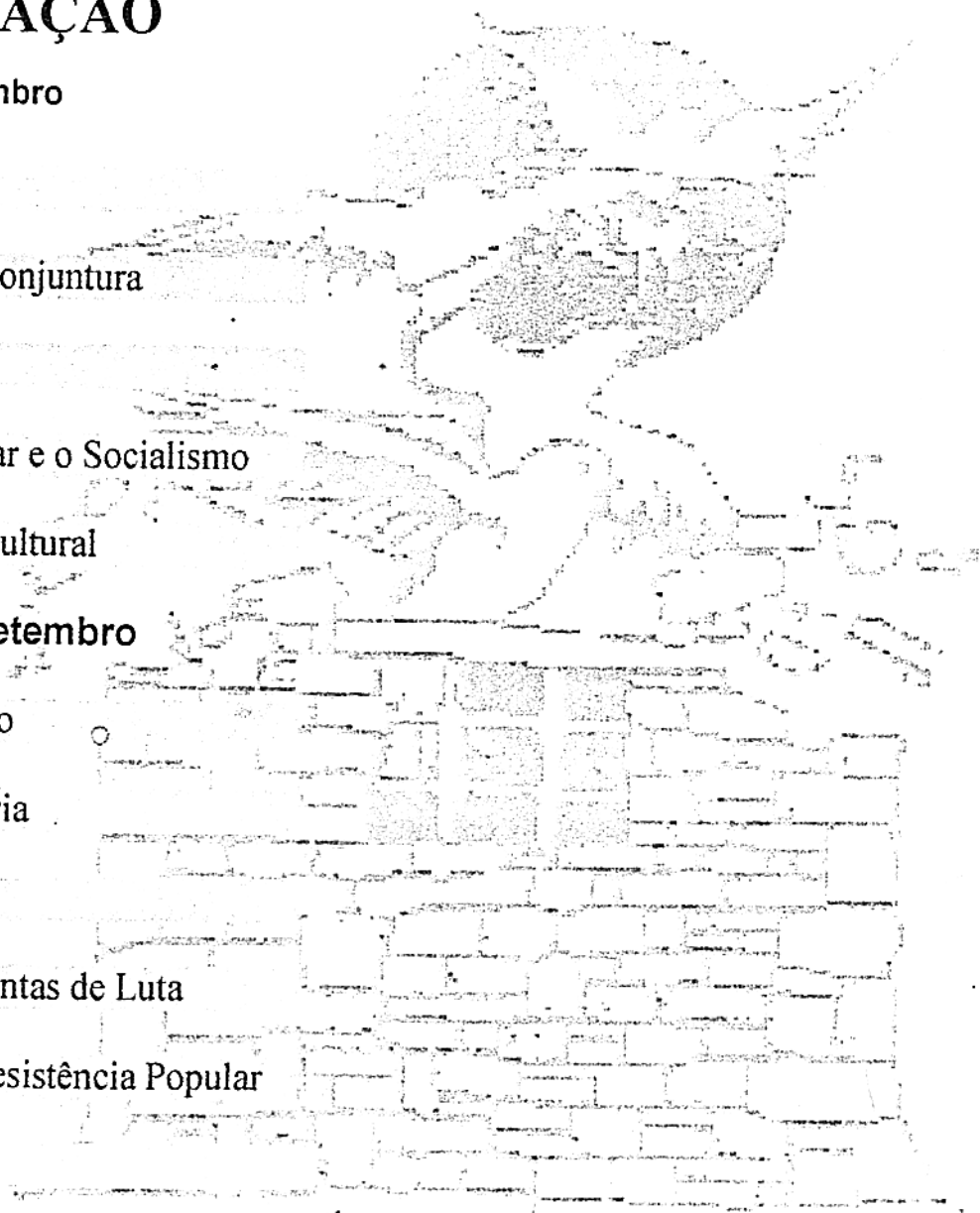
11h - Luta Comunitária

14h - Almoço

16h - Nossas Ferramentas de Luta

18h - Princípios da Resistência Popular

20h - Encerramento



Any Rodrigues

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DA



Um projeto dos trabalhadores para a Amazônia —

A última fronteira econômica do mundo. A próxima conquista do capital internacional. Os prognósticos são esses para a maior floresta tropical da terra, para a região onde nós, caboclos, plantamos nosso sonhos e sobrevivemos. A Amazônia dos brasileiros, venezuelanos, guianos, colombianos, peruanos é essa verde, musical, misteriosa, perigosa, fértil terra para plantarmos um projeto de poder popular. A “nuestra Amazônia”, parodiando o cubano José Martí, que há cinquenta anos atrás definiu a “nuestra América”, a América dos trabalhadores.

O projeto popular ainda está por se sedimentar, mas a necessidade de conquistar as riquezas que correm em nosso solo está intimamente ligada à necessidade de aumentar a taxa de lucros dos capitalistas. Para isso a burguesia já está preparando o seu projeto.

Senão vejamos. Em cinquenta anos no máximo, as reservas conhecidas de petróleo do mundo se esgotam. E os geólogos sabem que as condições do solo e subsolo amazônico são as ideais para o ouro negro. Mesmo que não encontrem petróleo, aqui existem outras riquezas minerais e biológicas que podem ser convertidas em energia.

Também temos o sangue puro dos índios que ainda não se miscigenaram, muito úteis para as pesquisas genéticas que os grandes conglomerados farmacêuticos já começaram a realizar. E a ciência cartesiana já começou a pesquisar.

A partir de janeiro de 99, começaram a ser gastos 80 milhões de dólares em uma série de experimentos climáticos, geológicos, biológicos, hidrográficos, zoológicos e agrônômicos. O projeto é do governo brasileiro. O dinheiro, do governo estadunidense e da União Européia. São duzentos cientistas que vão passar sete anos em dez bases avançadas na floresta, produzindo um conhecimento que irá ser revertido em dominação e exploração da caboclada.

Essas bases, em Santarém, Alta Floresta, Porto Velho, Manaus, Rio Branco, Caxiuana, vão se interligar através dos satélites do Radam (Radares da Amazônia). E nossa terra vai ser mapeada, cartografada, identificando pontos cruciais para a exploração de nossos recursos naturais e de nossa força de trabalho.

Não é a primeira vez. São 500 anos de opressão em toda Nuestra América, mas na Amazônia, são 500 anos de uma conquista que ainda não se completou. Desde que Francisco Pizarro cruzou o rio-mar pela primeira vez, muitos conquistadores, de todos os países do capitalismo central, pisaram aqui, para matar os índios, dizimar as populações ribeirinhas, escravizar imigrantes de outras partes do Brasil e roubar os frutos da floresta.

Mas sempre encontraram dificuldades. Onde há ordem judicial de despejo, há Quintino matando pistoleiros. Onde há latifúndio, há sem terras organizados. Onde há um latifundiário para pagar um Sebastião da Terezona e fazer chacinas, há também um sindicato rural para resistir. Onde há polícia reprimindo, há trabalhadores usando seus instrumentos de trabalho para enfrentar. Onde há tubarões do garimpo invadindo reservas, há um Tapiet Kraô para impedir a invasão de suas terras. Onde há mentira e alienação, há escolas e rádios comunitárias. Onde há conquistadores e opressores, há caboclos de coragem para organizar a resistência popular.

Aqui, a mata resiste, as águas resistem, os bichos resistem e os povos da floresta sabem usar a natureza para resistir. A relação entre o homem amazônico, o caboclo, o ribeirinho, o tapuio, com o mato e o rio foi sempre um grande trunfo da resistência popular. Era nas montarias e igarités que os cabanos se encontravam, na madrugada escura, na esquina de um igarapé com o outro, para conspirar, passar informações da revolução e fumar a porronca.

As armas cabanas ficavam no fundo da canoa e os lutadores se protegiam do sol e da chuva inclementes com o chapéu de palha que acabou por se tornar símbolo de mudança. A coragem de resistir, a sabedoria de conhecer a mata e as encantarias, a consciência de classe e a identidade cultural firme dos cabanos só não se converteram em transformação perene justamente pela falta de um projeto de poder popular.

Um projeto que pode ser construído agora, com outras armas que se juntam ao fuzil e ao chapéu cabano, e com as estratégias e princípios que a Resistência Popular – Amazônica deve se esforçar por imprimir aos movimentos sociais.

Uma corrente político-social como instrumento de luta dos trabalhadores na Amazônia –

Uma corrente político-social é uma organização que desenvolve ação política em nível de massas através dos movimentos sociais, aglutinando seus militantes politicamente, calcada em um programa definido. A corrente político-social é parte da tradição popular de luta classista libertária. Isso nos torna profundamente diferentes dos partidos institucionais, que disputam em outro campo, dentro dos esquemas traçados pelo inimigo de classe.

Através de nossa corrente estamos dia após dia construindo modestamente, com muita dificuldade e muita garra, uma alternativa político-social de organização popular. Assumimos a tarefa de construir a auto-organização social e demolir os obstáculos que se opõem uma nova sociedade que assegure a todos liberdade e bem-estar. Para atingir esse objetivo, unimo-nos em uma corrente, e tentaremos ser o mais fortes e numerosos, tanto quanto for possível. *como x o povo que lutamos*

Pela concepção libertária não existe “lutar para o povo”, nem “lutar pelo povo”. Ou se luta com o povo, como militantes populares, justamente por sermos filhos e filhas do povo é querermos participar em nossa libertação. Ou então não existe luta libertária possível. Não acreditamos num bem dado de mão beijada, queremos que a nova forma de vida social possa nascer das entranhas da classe trabalhadora.

Para tornar concreta essa concepção de luta de classes é necessário ter muita inserção social. Nossa corrente se legitima e cresce a partir da inserção. É a partir disso que teremos mais chances para dar respostas aos nossos próprios problemas.

Militamos todos os dias, para ser a expressão político-social da classe trabalhadora amazônica, brasileira e latino-americana. Pretendemos dinamizar as lutas populares agindo como propulsores dessas lutas. Vemos que o papel de nossa corrente político-social não é de substituir essas lutas, mas o de fazer superar seu caráter espontâneo e imediato, aprendendo as lições do saber acumulado nesses 500 anos de resistência latino-americana e gerando uma via de luta classista e libertária a partir da cultura da resistência cotidiana popular. Faz parte da nossa tarefa reforçar os laços solidários entre os distintos movimentos populares e elevar o grau de enfrentamento permanente contra o inimigo.

Uma das características da luta de classes de orientação libertária é lutar tanto pelas conquistas e avanços econômicos, quanto pela construção de novos valores. Como dizia-se no movimento operário do início do século “sem cultura de classe, não há luta de classes”. O inimigo sabe disso tão bem quanto nós, e por isso mesmo promove um avanço dos seus valores individualistas, competitivos, mesquinhos, em escala mundial. A luta libertária, necessariamente, se faz no combate aos valores burgueses que desunem nossa classe, como o autoritarismo, o egoísmo, o racismo, o machismo.

Nossa prática política é guiada por princípios éticos, pois nossa proposta política abrange todos os momentos da vida e não é algo separado de nosso cotidiano. O que falamos e fazemos não usamos para agradar os outros, porque não queremos eleger ninguém, e sim fazer valer nossas idéias. Há coerência entre nossos meios e fins.

Por isso dizemos que nossa corrente político-social é uma escola de vida, isto é, uma busca constante de uma educação coletiva baseada em valores fraternos e solidários. Essa escola de vida é também uma escola de luta, onde os indivíduos se libertam a partir da luta coletiva. Como a transformação social é coletiva, entendemos que todos nos educamos mutuamente.

E é através da ajuda mútua entre os companheiros e companheiras de nossa corrente, que superamos as dificuldades de cada um, pois queremos que nossa proposta política seja acessível aos mais simples, pois é a estas pessoas que a luta pertence, e não a super-homens iluminados. O espírito fraterno é essencial entre nós, em nossa corrente.

Nossa corrente faz parte da esquerda revolucionária, na tradição das diversas organizações revolucionárias e movimentos populares que lutaram e lutam pela libertação.

Entendemos que só há um caminho para nos libertar da opressão de 500 anos da América invadida, do controle econômico e social exercido pelas multinacionais, das forças do imperialismo, da exploração exercida pelas classes dominantes: o caminho da libertação popular.

Para nós a única consequência lógica da crítica ao sistema capitalista e das aspirações de uma convivência solidária, livre e igualitária entre os seres humanos, é a construção da sociedade socialista libertária, através de um processo revolucionário.

Porque acreditamos mais no coletivo do que no individual, porque estamos certos de que o pessoal só se desenvolve plenamente no social: por isso somos socialistas. Porque confiamos mais na responsabilidade que na autoridade, mais na discussão que na imposição, mais no acordo que na submissão: por isso somos libertários.

E por sabermos que é necessária uma transformação social profunda, estamos conscientes que a nossa vitória não está na volta da esquina: nossa luta é longa e árdua, mas é o único caminho. Muitos lutaram, se desgastaram, deram suas vidas por esse projeto. Desde a primeira flecha lançada contra o invasor, o povo dessas terras maltratadas persiste resistindo, nunca se rendendo.

Apesar das derrotas, das torturas e dos massacres, o povo sempre preferiu seguir em pé lutando do que viver de joelhos.

Princípios da Resistência Popular – Amazônica

Definimos os seguintes princípios, que nortearão a nossa prática cotidiana de militância, que devem ser seguidos incondicionalmente por todos os companheiros e companheiras, no caminho longo que ainda temos até a construção do poder popular e da sociedade socialista. São os princípios que queremos como ferramentas para combater o que há de burguês, mesquinho, competitivo, autoritário não só na sociedade como em nós mesmos.

Ação Direta –

É o nosso método de luta. Meio pelo qual o povo organizado vai para o enfrentamento, buscando conquistas econômicas e políticas agindo diretamente contra o inimigo de classe sem intermediários auto-elegidos. É a prática da mobilização, da luta no asfalto e na piçarra. Prática que a história nos demonstra ser a única viável no avanço da luta popular. É a potencialização de lideranças que sabemos ter em cada um de nós. Todos somos um líder em potencial e por isso podemos agir coletivamente independente de políticos profissionais (parlamentares, juizes, prefeitos, governadores, presidentes, diretores).

É a ferramenta pelo qual o povo sempre conquistou suas reivindicações. Toda a história de garantias sociais dos trabalhadores foram oriundas dela, da ação direta, única linguagem entendida pela classe que concentra o poder. A força da ação direta, a necessidade da justiça conquistada: esse é o único argumento capaz de chegar ao coração dos burgueses.

Federalismo –

Quando as decisões são federadas, todos decidem. É isso que buscamos e o federalismo é o principal instrumento dos trabalhadores para abolir o autoritarismo e as lideranças auto-proclamadas. O federalismo só funciona com horizontalidade e respeito mútuo pelas opiniões e posições dos

companheiros. O federalismo se fundamenta na autonomia e no total respeito às peculiaridades entre um companheiro e outro, um município e outro, uma região e outra. Cada um de nós se representa apenas a si mesmo e por isso as decisões são responsabilidade de cada um e de todos.

Federalismo significa descentralização. Um não se submete ao outro, e todos se submetem apenas à decisão coletiva.

Democracia Direta –

É nossa forma de decisão. Além de horizontalidade e descentralização deliberamos prioritariamente por consenso. O debate honesto é franco, a humildade de ouvir e ser ouvido são as armas que devemos ter para exercer a democracia direta. É assim que avançamos na elaboração e na proposição: buscando a proposta consensual e a política que nasceu de todos. Como não existe centralismo em nosso horizonte teórico, deve existir a consciência de fazer parte de um coletivo. Quando o consenso não é possível, e muitas vezes ele não vai ser, a maioria decide, por votação. E o coletivo acata e executa a deliberação, sempre.

A democracia direta é a garantia de que todos expressam seus anseios e necessidades, que se respeitem as vontades e opiniões de igual para igual e que se alcance a melhor decisão para todos.

Classismo –

É nossa consciência e nossa identidade maior, o que nos une aos trabalhadores de todo o mundo. É a certeza do lado em que estamos, do campo em que atuamos e de quem é o inimigo. Não aceitamos colaboração de classes, porque temos consciência de que a sociedade capitalista está dividida em opressores e oprimidos e não admitimos a opressão. É a nossa arma para afogar o que há de opressor em cada um e no seio da classe.

É o nosso posicionamento no mundo e nossa colocação na vida e na luta. É saber que existem dois projetos em disputa e que um significa fome, miséria e repressão. Estamos com o projeto da liberdade, da luta e da dignidade porque é este o projeto de nossa classe.

Anti-parlamentarismo –

A colaboração de classes é uma farsa, útil apenas para os opressores. A convivência de dois projetos tão diversos também é impossível e avaliamos que cada uma dessas projeções tem seus espaços específicos. O projeto da burguesia se constrói e nos derrota nas instâncias burguesas: legislativo, executivo e judiciário. Esses espaços são os pilares de sustentação da instância política de dominação: o Estado. Dentro desse campo, as regras, os juizes, o placar e até a bola pertencem ao inimigo. Não é nele que jogamos. Todos os palácios e casas do Estado só sentirão a nossa presença quando formos vitoriosos e pudermos apropriá-los para fazer moradia do povo pobre.

Colocaram na nossa cabeça que vivemos em uma “democracia”, que “todos podem escolher seus representantes através do voto”. Só que o que a TV não nos diz é que o Estado serve apenas para manter os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. A “democracia” deles é aquela que mata o povo de fome, que não tem educação para todos, que não tem comida para todos, que não tem saúde para todos, nem casa, nem terra, nem emprego.

A “democracia” deles é aquela que dá o dinheiro do povo para o rico ir a praia. É aquela que de vez em quando suja os pés na lama das baixadas, distribuindo comida e pedindo votos. Quem governa está comprometido em controlar a população, cobrar impostos, reprimir os movimentos populares. Quem governa está com o rabo preso com as estruturas de poder, com as elites. O Estado é uma ferramenta da classe dominante, dos ricos, utilizada para controlar o povo.

Por isso tudo nós somos contra parlamentares e governantes. Queremos construir um outro poder, um poder desde baixo, desde o mais humilde, um poder popular, sem ligação nenhuma com as estruturas que só servem para os ricos. Temos que lutar para construir em cada bairro, em cada escola,

em cada família, um poder onde todos participem e decidam com respeito, e sem oportunismo, pelo bem de todos os explorados, pois é o povo que vai gerar a nova sociedade, socialista e libertária.

Auto-organização –

É a forma de nos organizamos por nossas próprias vontades, sem ingerência de chefes, diretores ou presidentes. Em coletivo, encontraremos nós mesmos a nossa organicidade e a “cara” de nossa organização, seja no grêmio, no centro comunitário ou no sindicato. Nessa prática, temos que acabar com as relações de dependência entre as pessoas, criadas pelo vício parlamentarista e vanguardista.

Apoio Mútuo –

É o oposto da competitividade, do individualismo, do autoritarismo e da concorrência, valores burgueses tão difundidos neste final de século. São os valores da comunidade, os valores de nossa classe, feita de gente honesta e humilde, que devem pautar todos os nossos relacionamentos. É a prática do mutirão, da solidariedade de classe, do respeito e da cooperação, como forma de fortalecer a consciência e a coragem dos trabalhadores.

Com apoio mútuo, o marido não bate na mulher ou nos filhos, ninguém vê um vizinho passando necessidade sem ajudar, ninguém apoia o cobrador quando o estudante quer passar com a carteirinha de meia-passageira e nenhum rodoviário cumpre as ordens da patronal sabendo que os estudantes conquistaram com luta o direito.

Rigor e raiva, só com a classe opressora, nunca com um companheiro de classe e muito menos com um companheiro de luta. A mão estendida e os braços abertos aos companheiros e companheiras e o punho fechado para golpear os inimigos de classe.

Desobediência Civil –

É a negação de vivermos de joelhos perante a humilhação e opressão. É poder cortar o principal alimento do instrumento político de dominação. O melhor governo é aquele que absolutamente não governa. Por isso a desobediência civil deve ser mais um instrumento, mas uma arma, em nosso arsenal de combate. Já que pagamos impostos desde a compra de um litro de leite, e o Estado não nos oferece alimentação, pagamos impostos quando compramos um livro e o Estado não nos oferece educação, pagamos impostos quando compramos um comprimido para dor de cabeça e o Estado não nos oferece saúde com qualidade, passamos a oferecer a todos os governos a nossa desobediência. Não pagamos impostos, não pagamos energia elétrica nem água, não servimos nas forças armadas da burguesia, não damos nenhum voto para legitimar a democracia burguesa.

Ao lado da ação direta, o princípio da desobediência civil é mais uma linguagem que toca fundo o coração dos burgueses.

Auto-defesa

É um direito dos trabalhadores, frente a todos os ataques e investidas da repressão contra as nossas organizações. É uma necessidade a partir do momento em que nos dispomos a mudar a sociedade. É um imperativo da nossa organização, pelo simples motivo de que ela vai ser atacada pelos poderes constituídos, que tentarão sem descanso corromper o nosso caminho na construção do poder popular. Defesa feita com o que estiver ao alcance: sigilo, silêncio ou a voz bem alta, informação e educação, pedagogia para resistir. A auto-defesa implica em análise cotidiana da conjuntura e organização firme e profunda.